

## **Diversificação da produção e transição agroecológica: o caso do assentamento Regência, município de Paulicéia, SP – Brasil**

LE MOAL, Maíra. INCRA/FEPAF, maira.lemoal@gmail.com; NOBRE, Henderson. UFSCar/EMBRAPA, hendersonnobre@gmail.com; SOUZA, Tatiane. INCRA/FEPAF, golum5@yahoo.com.br; CANUTO, João. EMBRAPA – Meio Ambiente, canuto@cnpma.embrapa.br; ALCÂNTARA, Natália. INCRA/FEPAF, natalialcantara@gmail.com; SANTOS, Claudinei. INCRA/FEPAF; CHAGAS, José. Assentamento Regência

### **Resumo**

Este trabalho se insere dentro do projeto “Capacitação sócio-ambiental para construção de projetos de desenvolvimento sustentável em assentamentos rurais no estado de São Paulo”, uma iniciativa da Embrapa Meio Ambiente em parceria com o INCRA e organizações dos agricultores assentados. Neste caso, propõe-se apresentar um dos trabalhos que vem sendo desenvolvido no assentamento Regência, município de Paulicéia/SP. Iniciado em 2009, este trabalho visa a assessorar e potencializar os trabalhos de transição agroecológica e diversificação do sistema produtivo, já iniciados por uma das associações do assentamento, tendo inicialmente como espaço de trocas e capacitações o lote de uma família de agricultores desta associação.

**Palavras-chave:** Reforma agrária, agroecologia, troca de experiências, metodologias participativas.

### **Contexto**

Este trabalho se insere dentro do projeto “Capacitação sócio-ambiental para construção de projetos de desenvolvimento sustentável em assentamentos rurais no estado de São Paulo”, uma iniciativa da Embrapa – Meio Ambiente em parceria com o INCRA e organizações dos agricultores assentados. Este projeto atua em três regiões: Andradina, Itapeva e Ribeirão Preto, que foram definidas a partir de negociações com o INCRA-SP, pela importância que cada uma representa para os objetivos de estabelecer assentamentos sustentáveis no Estado. Levando em conta as diferentes origens dos agricultores e os sistemas nos quais estão inseridos, os princípios agroecológicos podem tomar formas tecnológicas diversas, dependendo das condições ambientais e sócio-econômicas de cada sujeito e região abrangida pelo projeto. Por isto neste projeto, não existe a preocupação em estabelecer um modelo que seja padrão para todas as realidades, mas sim a de promover de forma gradual a construção do conhecimento agroecológico e adequado às condições locais de cada região e de cada assentamento (CANUTO et. al., 2008).

Assim, cada caso sendo único, neste texto propõe-se apresentar somente um caso: o trabalho que vem sendo desenvolvido no assentamento Regência, município de Paulicéia/SP, localizada no extremo oeste do Estado de São Paulo. Iniciado em 2009, este trabalho visa assessorar e potencializar os trabalhos de transição agroecológica e de diversificação do sistema produtivo, já iniciado por uma das associações do assentamento, tendo inicialmente como espaço de trocas e capacitações o lote de uma família de agricultores desta associação: Sra. Hosana e Sr. José Luiz Chagas.

### **Descrição da experiência**

Sra. Hosana e Sr. José Luiz das Chagas moram no assentamento Regência, município de Pauliceia (SP), desde 2003. Eles se conheceram na região de Tupi Paulista, onde seus pais trabalhavam de meeiros. Desde jovem, o Sr. José Luiz se envolveu nos movimentos sociais e na luta pela reforma agrária. Nos primeiros anos neste lote, a principal fonte de renda era oriunda do gado de leite. Mas desde o início, começaram a implantar uma diversidade de produtos agrícolas.

## Resumos do VI CBA e II CLAA

Hoje, eles produzem: arroz, feijão, favas, milho, amendoim, urucum, café, mandioca, frutas, mel, leite, hortaliças, galinhas, porcos, bucha vegetal, vassoura, diversos adubos verdes, entre outros. E para uma mesma cultura agrícola (feijão, milho, etc.), eles mantêm uma diversidade de variedades crioulas, que apesar de serem mais rústicas, garantem a produção no caso de uma baixa produtividade das variedades convencionais que podem ser compradas no mercado, o que não é o caso das variedades crioulas, que acabariam, portanto desaparecendo. Eles também sempre procuram agregar valor aos seus produtos dedicando-se ao processamento por meio da produção de derivados de leite (queijos, doces, etc.), doces de frutas; sendo que o Sr. José Luiz prefere trabalhar com as culturas agrícolas e a Sra. Hosana cuidar do gado e do processamento dos produtos.

Cabe ressaltar que a situação na qual se encontra o sítio é fruto de um trabalho desenvolvido ao longo dos anos pelo sindicato da agricultura familiar, tanto no incentivo à diversificação da produção, como na busca de novos nichos de mercados. De fato, a comercialização sempre se constitui para o agricultor familiar um verdadeiro entrave, principalmente na região onde é relativamente comum a ocorrência de “calotes” praticados por intermediários. Por isto, vale também destacar o esforço de Sra. Hosana e Sr. José Luiz que, desde o início, aceitaram encarar o desafio da diversificação, inicialmente por ideologia, mas hoje já comprovado a eficácia da estratégia principalmente no tocante a soberania e segurança alimentar da família. Eles comercializavam seus produtos nas feiras locais e principalmente no próprio assentamento, pois eles enxergam o “assentamento como uma comunidade de consumidores”.

O esforço desta família deve ser ainda mais valorizado pelo fato de que o Sr. José Luiz sempre assumiu diversas responsabilidades no sindicato da agricultura familiar de Tupi Paulista (filiação a Federação da Agricultura Familiar), sobrecarregando assim o trabalho do resto da família na sua ausência. Entretanto, essa situação, no que diz respeito a comercialização, começou a mudar em virtude da possibilidade de comercialização, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Governo Federal. O coletivo do qual fazem parte, comercializa na modalidade Compra Antecipada Especial da Agricultura Familiar, também denominada de doação simultânea. Sendo assim, onde alguns anos atrás não havia mercado para escoar a produção, hoje não há produtos suficientes para atender a demanda.

### Metodologia

Já é amplamente reconhecido que para qualquer proposta de desenvolvimento é indispensável o comprometimento do grupo beneficiado. Portanto, para incentivar este comprometimento, foi realizado, como primeira atividade prática onde as famílias da associação foram convidadas, uma oficina de diagnóstico rápido participativo (DRP) no lote do Sr. José Luiz e Sr<sup>a</sup> Hosana, por ser uma atividade que exige uma efetiva participação do grupo. Ademais, além da busca do comprometimento do grupo, esta atividade teve outros objetivos: a) esclarecer aos participantes de como fazer um diagnóstico rural em sua propriedade e ter assim uma visão geral do lote, etapa indispensável numa proposta agroecológica; b) obter a percepção dos participantes sobre o sítio do Sr. José Luiz e Sra. Hosana, enxergando as potencialidades e limitações, focalizando o objetivo de torna-lo um “sítio sustentável”; c) agendar as próximas atividades do projeto a serem desenvolvidas, sendo estas de benefícios de todos. Nesta oficina, os trabalhos seguiram os princípios do enfoque participativo, conforme o roteiro seguinte (VERDEJO, 2006):

Definição coletiva de indicadores - A plenária foi dividida em quatro grupos, aleatoriamente, sendo que cada um trabalhou um dos aspectos anteriormente definidos pela equipe técnica e a família para esta oficina conforme a tabela abaixo (tabela 1).

## Resumos do VI CBA e II CLAA

TABELA 1. Indicadores utilizados no DRP.

Eixos	Sub-eixos	Pontos positivos	Sugestões
Ambiental	Animais		
	Diversidade		
	Solo		
Econômico	Renda		
	Custo		
	Venda		
	Processamento dos produtos		
Produtivo	Mão de obra		
	Produtos		
	Práticas agrícolas		
Qualidade de Vida	Paisagem		
	Casa		
	Comunidade		
	Lazer		
	Comida		

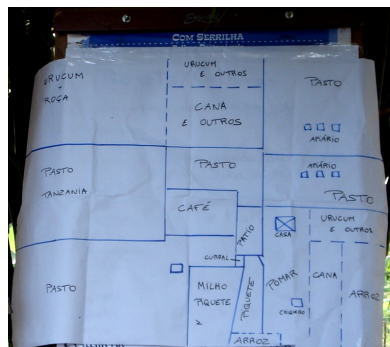


FIGURA 1. Esquema do lote da Sra. Hosana e do Sr. José Luiz.

- *Transecto* – Caminhada realizada pelo sítio do Sr. José Luiz e Sra. Hosana, onde cada grupo procurava identificar as potencialidades e limitações existentes referente ao seu tema, sempre focalizando a meta do “sítio sustentável”. 2. *Socialização das discussões em grupo* – O interesse dos trabalhos em grupo é facilitar a comunicação, gerando idéias que possam caracterizar o ponto de partida para a discussão em plenária. Em cada grupo um relator se encarregou de fazer um registro visual para não perder a contribuição de cada um e facilitar a apresentação em plenária. Assim, a volta a sessão de plenária é um momento de socialização dos resultados e das tomadas de decisões.

### Resultados e conclusões

Considerando o diagnóstico realizado neste sítio e as necessidades próprias de cada participante, foi pedido ao grupo listar quais seriam as temáticas de oficinas e cursos de capacitação a serem realizados. Foram feitos um aperfeiçoamento e lapidação das propostas. Assim, considerando as prioridades e a melhor época para realizar cada atividade, foram agendadas as seguintes atividades: cobertura e melhoria do solo; adubação verde; controle de pragas e doenças para culturas e animais; armazenamento e seleção de sementes; arborização de pastagem; agregação de valor aos produtos e processamento; composto; caldas e biofertilizantes. Assim, durante este

## Resumos do VI CBA e II CLAA

ano, serão realizadas estas oficinas de capacitações. O DRP revelou também uma necessidade do grupo ter momentos teórico-conceitual sobre a agroecologia e sobre os fundamentos do desenvolvimento sustentável.

Foram levantadas pelo grupo algumas preocupações consideradas chaves para uma maior irradiação de um sistema de produção diversificado, sendo essas preocupações: a) Planejamento da força de trabalho para cada produção. Até que ponto diversificar sem sobrecarregar de trabalho a família? b) Levantamento de dados econômicos para avaliar a viabilidade econômica de tal proposta. Assim, outra proposta de trabalho é a construção desses conhecimentos sobre os sistemas diversificados que possam ser divulgados e compartilhados. Paralelamente a isto, estamos realizando trocas de experiências (figura 2) entre os agricultores de diferentes assentamentos que estão envolvidos no projeto; estas trocas são momentos privilegiados para os agricultores poderem tirar suas dúvidas e colocarem algumas de suas experiências praticas. No caso do lote da Sra. Hosana e do Sr. José Luiz, esta troca de experiência foi rica por seus momentos de questionamentos sobre o modelo atual dos assentamentos, a forma de produção e sobre a assessoria técnica do INCRA.



FIGURA 2. Troca de experiência no lote da Sra. Hosana e do Sr. José Luiz

No que diz respeito a organização de cada oficina (almoço, material necessário para a atividade, etc.), ela fica da responsabilidade do grupo, para continuamente reforçar o seu comprometimento. Quanto aos técnicos dos assentamentos, em todas as atividades procura-se envolvê-los, pois são eles que garantem a continuação da proposta na ausência da equipe da Embrapa, sendo também estas atividades fonte de aprendizado para eles.

De um modo geral em todas as atividades, os técnicos desenvolvem um papel de facilitador. Por exemplo, durante o DRP, cada técnico se inseriu nos grupos de discussão, procurando não interferir no conteúdo das discussões, tendo somente a responsabilidade de facilitar o processo metodológico e estruturar as idéias do grupo. Nas oficinas de capacitações, os técnicos podem tanto desenvolver um papel de palestrante do curso, como de facilitador, incentivando cada agricultor a dar sua contribuição e equilibrando a fala de cada um. Portanto, neste sentido, é essencial os técnicos conhecerem qual é a experiência de vida de cada agricultor com qual vem desenvolvendo este trabalho para possibilitar e priorizar a fala dos agricultores mais experientes no tema da capacitação em questão. Mas de um modo geral, nos assentamentos, este aspecto vem sendo dificultado pela rotatividade da equipe técnica dos assentamentos.

### Referências

CANUTO, J.C. et al. Construção do conhecimento agroecológico a partir de sistemas agroflorestais em assentamentos rurais no Estado de São Paulo. In: SIMPÓSIO SOBRE REFORMA AGRÁRIA E ASSENTAMENTOS RURAIS, 3., 2008, Araraquara. *Resumos...*

**Resumos do VI CBA e II CLAA**

Araraquara: Uniara, v. 1, p. 94-94, 2008.

VERDEJO, M.E. *Diagnóstico Rural Participativo: Guia Prático DRP*. Brasília: MDA, 2006.